

## 6.

### “Pra você que me leu”

Não foi tarefa difícil escolher o tema desse trabalho, muito menos complicado, ainda, entrar nessa dança de papéis trocados. Difícil foi achar o tom para fazer isso. Eu ficava pensando: como colocar tanta proximidade sugerida dentro de um discurso acadêmico e formal? Enfim, acabei achando que o melhor seria dar ao trabalho esse tom de ensaio e tudo foi ficando mais fácil. Por isso, no lugar onde deveria haver uma “conclusão”, resolvi que cairia bem uma conversa, tal qual Lygia propõe a nós, seus leitores.

O exercício mais exaustivo que esse trabalho me propôs foi o do distanciamento, porque, em muitos pontos, minha relação com o livro-objeto, o texto e a leitura se parece com a que Lygia descreve. Como ela, também entrei nesse mundo da leitura pelas mãos de Lobato. Aos sete anos ganhei de presente não apenas *Reinações de Narizinho*, mas a obra toda, os dezessete volumes verdes de frisos prateados que, mais do que me assustar pelo tamanho do desafio, me encantaram. Depois não parei mais. Livro sempre foi companhia para tudo. Por isso, a primeira grande tarefa, quando iniciei esse trabalho foi deixar de lado as identificações.

Feito isso, foi um passeio que, em diversos momentos trouxe muita satisfação, apesar de alguma angústia e ansiedade. A satisfação reside em poder estar estudando uma obra tão fundamental quanto pouco analisada no nosso circuito acadêmico, em que pese ser obra premiadíssima. Lygia, ao longo de sua carreira como escritora, recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, concedido pelo Comitê Internacional do IBBY (International Board on Books for Young People), mais tarde, na Alemanha, recebeu o prêmio criado para comemorar os setecentos anos da lenda do Flautista de Hamelin, o Rattenfanger Literatur-Preis e do governo da Suécia recebeu, recentemente, o Astrid Lindgren Memorial Award. Sua obra tem, portanto, importância e reconhecimento que extrapolam nossas terras brasileiras. O que confirma tudo o que nesse trabalho se comentou a respeito da obra e de sua relação com o leitor, porque mesmo “falando brasileiro”, o convite que oferece ao leitor – a parceria – é entendido em qualquer idioma. É sempre melhor andar junto, do que ser carregado pela mão de alguém, seja em que latitude for.

Esse desejo de gerar parceiros-leitores e leitores-parceiros tem levado Lygia a trocar sua discrição e sua timidez pelo seu lado atriz. Ao longo dos últimos anos, um dos projetos que vem movimentando sua Casa – a sua editora – é o de levar aos palcos, sempre de forma muito simples e artesanal, a sua obra. Já viraram espetáculos *Livro, Ana Paz, Feito à mão, Retratos de Carolina* e outras tantas histórias suas. Ela chama esses projetos de Mambembadas, numa alusão a essa manifestação do teatro popular que precisa de muito pouco artifício para criar afinidade e encantamento com a platéia, porque “falam a mesma língua”. Nas suas conversas com seus leitores em seus livros, sempre dá um jeito de dizer como essas Mambembadas são importantes, é sua forma de conversar mais diretamente com o leitor, tendo ele ali, de corpo presente, fazendo outra arte – o teatro – parceira da literatura.

Um dos maiores presentes que esse trabalho me deu foi a oportunidade de conhecer Lygia, de ir a sua Casa, ver o lugar onde nasceram e nascem tantas das personagens das quais eu iria falar. Passar um tarde lá, na casa de Santa Tereza, que reconheci pela foto da primeira edição de *Paisagem*, entre bolo, suco, chocolate, Lygia, Rachel, Angélica, Maria, Alexandre, Lucas, Vitor, Vira, Latinha, Lourenço, Ana Paz, Carolina... livro saído do forno – foi mais uma experiência de parceria das tantas que a obra já me proporcionara.

Agora, quando leio Lygia, junto ao que leio a visão que se tem do Rio de Janeiro lá da casa dela em Santa Tereza, esse Rio com todas as suas contradições, as que ela mesma apresenta em suas histórias, cheio de desigualdades e diferenças, mas também de uma beleza tão profunda que mobiliza, faz a gente querer fazer dar certo, querer transformar, querer mudar...o Rio e tudo mais que precisar de mudança. Então entendo melhor essas histórias de trocas e de tarefas.